



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<http://ppcis.com.br/cadernos-de-antropologia-e-imagem>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2001 by UERJ/Centro de Ciências Sociais. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>



Quem tem medo de Bronislaw Malinowski?

Etienne Samain



Em pé, ereto, de perfil, as mãos sobre as ancas, a perna esquerda apoiada, com firmeza e aparente decisão, sobre a estrutura de um dos flutuadores de uma piroga de pesca; de camisa e calças brancas, com polainas e sólidos sapatos de couro, o espectro de Malinowski ergue-se face a um outro personagem acobreado pelo sol e nu, os pés cruzados, em posição quase sentada na ponta da

mesma piroga. No entanto, um não olha para o outro nesta pose... nem mesmo Malinowski que, já atacado pela calvície, finge olhar, através dos finos arcos de seus óculos, "Togugu'á, o feiticeiro de certa fama e bom informante..., este usando uma peruca completa e tendo consigo uma grande cabaça para cal mais a espátula", como nota o próprio antropólogo. Uma velha lembrança, sabendo que esta foto-

¹ Malinowski (1967). "Um diário no sentido estrito da palavra" é uma frase que pertence a Malinowski, o qual precisa: "Dia após dia, sem exceção, vou consignar os acontecimentos da minha vida por ordem cronológica. Cada dia, o relatório do dia anterior: um espelho dos acontecimentos, um exame de consciência, a determinação dos princípios norteadores da minha existência, um projeto para o dia que há de vir. No seu conjunto, o projeto depende primeiro e sobretudo do meu estado de saúde. Atualmente, se a força me é dada, devo me dedicar ao meu trabalho, ficar fiel à minha namorada, e ao que é o meu objetivo: dar à minha vida e à minha obra uma dimensão mais profunda". O texto introduz a segunda parte do *Diário* e remete ao período de outubro de 1917 a julho de 1918.

grafia foi produzida nas Ilhas Trobriand (a 16 mil quilômetros de Londres), no Pacífico Ocidental, entre setembro de 1914 e julho de 1918, quando o sol brilhava. Malinowski (1884-1942) era jovem: apenas um pouco mais de trinta anos. Hipocondríaco tanto quanto sensível, voluntarioso e orgulhoso, ele carregava suas paixões amorosas sob o fardo de uma formação moral desastrosa. Tornava-se, também, o pai do funcionalismo.

Não posso lembrar com exatidão das múltiplas razões que fizeram com que escolhesse, hoje, precisamente esta fotografia. Esses motivos se perderam, por um feliz e belo acaso, na minha memória e, quem sabe, alimentarão para sempre o meu imaginário. Eu sei, sim, que a fotografia, ora reproduzida, é aquela que figura, ainda hoje, na capa da edição francesa do *Diário* de Malinowski, um diário publicado, pela primeira vez, na Inglaterra, em 1967, sob o título *A diary of the strict sense of the term*¹ e, quase vinte anos depois, em Paris, sob o título mais genérico de *Journal d'ethnographie* (1985); um *Diário* que, no pequeno mundo dos antropólogos de que também faço parte, levantou, na época, ondas de notável escândalo, uma verdadeira tempestade que, felizmente, nem Netuno conseguiu tomar muito a sério. Malinowski, por sua vez, não precisava deste levante de escudos, menos ainda de nossas hipocrisias póstumas.

Não era, penso, a fotografia da capa que, na época, atraiu-me verdadeiramente. Provavelmente, sim, um certa curiosidade para com essas revelações explosivas que os foliculários de plantão procuravam alimentar ainda. Havia, sobretudo, o fato de que a descoberta do *Argonautas do Pacífico Ocidental*, livro

lido e relido dez anos antes, quando me formava no Museu Nacional do Rio de Janeiro, continuava a me fascinar: uma espécie de saudade antropológica. Lembro-me até deste detalhe: em agosto de 1976, eu havia entregado aos Professores Roberto DaMatta e Anthony Seeger (meu orientador) um trabalho final de disciplina no qual, sob a forma de uma ficção de cartas expedidas de Kiriwina na Papuásia, fazia dialogar Bronislaw Malinowski (*Argonautas*) e Louis Dumont (*Homo hierarchicus*). Vivía, neste tempo, no mundo da escrita e participava com muitos outros antropólogos deste sagrado e único dogma ou (pequeno) santuário: a antropologia é "a Discipline of words."² Para acabar com essas reminiscências, confesso que das 65 pranchas (totalizando 75 fotografias) incorporadas ao texto dos *Argonautas*, não tinha, até então, prestado a mínima atenção a qualquer uma. Para ser completo, acrescento que o famoso *Diário* de Malinowski nunca, também, soube me empolgar... Até que não o recomendo a pessoas depressivas, a não ser àquelas que, como ele, descobriram no arsênico a panacéia de suas vivências impossíveis.

Reli o *Diário*, em torno de 1992, por dois motivos: estava cansado, por um lado, de ouvir falar de "antropologia visual" como de uma "novidade" que acabava de ter sido descoberta, quando se sabia que antropologia e fotografia praticamente tinham nascido juntas. Intuíva o fato de que a chamada "antropologia visual" somente se tornaria mais consistente se nos debruçássemos sobre sua *história*.³ Por outro lado, lembrava-me que, no seu *Diário*, Malinowski voltava freqüentemente às suas atividades fotográficas. De fato, deve-se reler o *Diário* para ver como Malinowski, inexpe-

² O leitor terá reconhecido minha referência ao título de um dos últimos artigos (provavelmente o último que Margaret Mead [1901-1978] dedicou especificamente à questão da antropologia visual):

(continua no final do artigo)



riente e renitente à fotografia, não cessa, todavia, de se referir a ela... Luta e briga com ela, mas sempre a faz.

A leitura do *Diário* conduziu-me, desta maneira, a “rever” as três grandes monografias que o autor dedicou aos trobriandeses: *Os argonautas do Pacífico Ocidental*, livro publicado em 1922; *A vida sexual dos selvagens*, livro publicado em 1929, e *Os jardins de coral e suas mágicas*, dois fortes volumes sobre a horticultura trobriandesa publicados em 1935. Mergulhava novamente nessas obras, fixando desta vez fotografias, muitas fotografias. Voltarei logo a falar deste assunto. Antes, devo acrescentar algumas palavras relativamente à nossa fotografia.

A fotografia: “Uma forma que pensa” (Jean-Luc Godard)

No monumental trabalho, tanto videográfico quanto escrito, que Jean-Luc Godard (1998, v. 3, p. 54-5) acaba de dedicar à(s) *História(s) do Cinema*, ele escreve: “Com Édouard Manet começa a pintura moderna, isto é, o cinematógrafo, isto é, formas que caminham em direção à palavra; para ser mais exato, uma forma que pensa. O cinema é, antes de mais nada, feito para pensar”. A fotografia – acrescento – mais ainda.

Que nossa fotografia seja constituída por “formas que caminham em direção à palavra”, não devemos mais dar a prova. Basta reler os comentários que fiz de início, comentários, no entanto, que remetem a esta fotografia. Uma fotografia que foi, com efeito, por razões editoriais, recortada, pois, se olharmos para o *clichê original* que podemos re-

encontrar no livro *A vida sexual dos selvagens* (foto 68 e sua legenda),⁴ as coisas mudam. A foto, desta vez, revela-nos um Malinowski plantado entre dois grupos de nativos (cada um composto por quatro pessoas), estando os quatro da esquerda sentados sobre a embarcação. A paisagem, surpreendentemente, dilata-se e se alonga. Os contrastes tornam-se muito mais intensos: contraste entre o céu, a floresta e o braço do mar; contraste entre os protagonistas: Malinowski, de branco vestido, e os dois grupos de nativos bronzeados e nus; Malinowski, em pé, em posição de marcha e de partida, todos os nativos, em posição de repouso (apoiados ou sentados). Desta vez, Malinowski domina totalmente a cena. Se os outros fixam a máquina fotográfica, o olhar de Malinowski aponta para o horizonte (aliás para uma linha situada à direita), para a conquista, para a missão e a expedição que se propõe a realizar. A imagem é uma forma que pensa e, isto, independente do autor da foto, independente do seu receptor.

Da fotografia inserida nesta crônica emana ainda uma espécie de reciprocidade, de parceria e de cumplicidade potencial, apesar das oposições. Esta reciprocidade desaparece por completo na fotografia original: sem se enfrentarem, deparamo-nos, desta vez, com dois mundos distintos e desiguais: a cabeça de Malinowski, aliás, quase toca a abóbada celeste ou nela se perde.

Não resisti ao fato de entrar no *site* da livraria virtual www.amazon.com. Evidentemente, o livro *A diary in the strict sense of the term* nele aparece. A feição da capa da edição inglesa é, estranhamente, muito semelhante à da versão francesa, a saber: um título e uma fotografia de igual forma-

⁴ Ver Malinowski (1979, p. 313).

to..., mas, desta vez, uma *outra* fotografia de um Malinowski, igualmente vestido de branco, ao lado do mesmo feiticeiro Togugu'a e de dois outros feiticeiros, todos – inclusive Malinowski – segurando uma cabaça para cal mais a espátula. Com certeza, a fotografia foi realizada no mesmo dia com o apoio de Billy Hancock, fotógrafo, comerciante e comprador de pérolas nas ilhas Trobriand.⁵ Ela difere da outra que analisamos na medida em que os quatro homens estão, todos, sentados na parte lateral esquerda do barco de pesca. Aparente convívio. Aparente fraternidade humana. Aparente igualdade. Os nativos fixam a câmara, Malinowski, não. Parece ausente, perdido ou mergulhando num outro mundo: o dele. Os nativos cruzam os pés. Malinowski tem as pernas abertas. Está pronto para se levantar e cumprir sua missão. Poderá, em todo caso, comprovar que *esteve lá*, no meio dos Trobriandeses. A foto é uma “forma que pensa”. A foto é, também, uma “prova”.⁶ Para Malinowski, que prefere desenhar e, sobretudo, escrever, a fotografia – apesar de todas as suas relutâncias – desempenha um papel fundamental na sua obra. Não devemos esquecer que ele estava longe de ser um amante dela, mas que nunca conseguiu entrever e *planejar* seu trabalho de campo sem a consciência do potencial heurístico da imagem (ver seu *Diário*). Quase cem anos passaram: o pai do funcionalismo tinha, penso, algo muito aberto e, neste sentido, profético. Sabia dar-se o tempo de *ver* e de *observar* para ousar (com seus olhos e as próteses tecnológicas⁷ de que dispunha), também, *pensar*.

A fotografia: um modo singular e complementar de pensar o mundo

Sem falar de *Os nativos de Mailu*, a primeira e curta monografia produzida em 1915, republicada, felizmente, em 1988,⁸ na qual Malinowski já havia inserido trinta e quatro fotografias, vale a pena encarar as suas grandes monografias às quais me referi anteriormente para fazer algumas importantes constatações.⁹

Primeiro fato que merece atenção: o *uso crescente* que Malinowski faz da fotografia. O texto dos *Argonautas* incorpora 65 pranchas (totalizando 75 fotografias). São 92 na *Vida sexual dos selvagens* e chegarão a 116 nos *Jardins de coral*. Um total de 283 fotografias espalhadas ao longo das 1.883 páginas dessas três obras complementares. Uma relação aproximativa e média de uma fotografia a menos de cada sete páginas de texto, deixando de lado outras numerosas figuras, plantas, mapas e diagramas associados aos mesmos textos. É muito. Considerável até, se levarmos em conta a época (1914-18), as condições precárias de preparação das placas sensíveis, o arsenal necessário à revelação das chapas e dos filmes e a inexperiência profissional do próprio Malinowski.

Um outro fato, mais importante e significativo: Malinowski acompanha cada uma dessas pranchas com uma *legenda* extremamente precisa que oferece os seguintes ingredientes: 1) um *título global*, curto, sintético, relativo à fotografia ou à prancha, raramente ultrapassando cinco palavras; 2) logo seguido de um *comentário* de vinte a quarenta palavras, espécie de boletim exploratório da cena regis-

⁵ “Era não somente um excelente informante e colaborador, mas um verdadeiro amigo, cuja companhia e assistência trouxeram boa parcela de conforto material e apoio moral à minha existência um tanto penosa e monótona” (Ver Malinowski, 1979, p. 24).

⁶ A fotografia como “prova” de que “estive lá, um dia”... não é uma exclusividade dos antropólogos. Nossas fotografias de férias (em particular) testemunham isto, até de maneira enojativa, para os nossos próprios amigos. Resta que no recanto dos antropólogos, dos anos 1940 a 1980, inconscientemente talvez, as fotografias não chegaram, na maioria dos casos, a ultrapassar esse estágio de narcisismo primário.

⁷ Malinowski utilizou uma Graflex e uma Zeiss Kodak Anastigmat F. 6.5 (diafragma pouco luminoso), rolos de películas e placas no formato de ¼. Trabalhará mais tarde com uma teleobjetiva.

⁸ Monografia de Malinowski (1915) reeditada por Michael Young, em 1988, sob o título *Malinowski*

(continua no final do artigo)



trada onde se sente que o autor faz questão de nunca isolar a fotografia ou prancha de seu contexto etnográfico mais amplo. Isso fica corroborado pelo fato de que – na maioria dos casos – Malinowski, acabando de escrever sua legenda, remete seu leitor ou a páginas precisas de seu comentário escrito (ex., “veja página tal e tal”) ou – mais geralmente – a um “capítulo”, a uma “divisão de capítulo”, a tal “parágrafo”; 3) a mesma situação repete-se, desta vez, *no corpo de seu próprio texto*. Malinowski redige e, de repente, abre um ou mais parênteses para assinalar ao seu leitor: “veja as pranchas tais e tais...”, como para salientar isto: “se você, leitor, quiser realmente entender o que *relato*, você deve necessariamente rever e olhar atentamente o que também *mostro* nas minhas pranchas”.

Tudo isto fica confirmado pelos cuidados de Malinowski e de seu editor na *inserção precisa* das pranchas no corpo do livro. Nada de uma condensação de fotografias relegadas no final do livro como se fossem uma parte anexa, um apêndice secundário. Malinowski ordena com rigor suas pranchas dentro de seu texto, procurando uma simbiose máxima entre o que *entende dizer* seu texto e o que *sustenta visualmente* o documento imagético a que remete, e vice-versa.

Em outras palavras, existe, na utilização que Malinowski fez de suas fotografias, algo que ultrapassa – e de longe – a simples ilustração. Neste vaivém entre as fotografias e as legendas remissivas ao seu próprio texto, o qual, por sua vez, reintroduz e reconduz o leitor na própria prancha visual que lhe corresponde, fica patente que, para o pai do funcionalismo, o verbal e o imagético (desenhos, esquemas e fotografias) são *cúmplices*

necessários para a elaboração de uma antropologia descritiva aprofundada. Tal osmose, tal circularidade entre dois suportes comunicacionais, singulares tanto quanto complementares, é capital para ele. O texto não basta por si só. A fotografia, também não. Acopladas, inter-relacionadas constantemente, então sim, ambos produzirão sentido e significação.

Não vi e nunca verei Malinowski sentado na sua mesa de trabalho, mas tenho essa convicção: ele deve ter escrito pouco dos textos de suas três monografias, sem ter colocado previamente, sobre sua mesa, diante de seus olhos, um conjunto importante de fotografias. Pelo menos, valerá a pena lembrar um texto pouco conhecido de Malinowski (1935, v. 1, p. 461-2) – que, aliás, fala pouco da fotografia na sua obra inteira –, um texto que aparece no final do primeiro volume dos *Jardins de coral e suas mágicas*, intitulado “Confissões de ignorância e de fracasso”.

Uma deficiência essencial do meu trabalho de terreno deve ser mencionado: trata-se das fotografias. Se vocês, eventualmente, compararem meus livros com outros relatos de pesquisa de campo, provavelmente, não se darão conta do quanto os meus permanecem mal documentados em termos pictóricos. Eis a razão principal para insistir sobre este fato. Tratei a fotografia como se fosse uma atividade secundária, uma maneira – de certo modo menor – de agrupar “testemunhos”, “provas”, “evidências”. Foi um sério erro da minha parte.

(...)

Redigindo meus dados materiais, sobre os jardins [refere-se ao Coral gardens], constato que a verificação (o controle)

de meus apontamentos de campo me conduziu, graças às fotografias, a reformular minhas declarações sobre inúmeros pontos... Descobri também que, no tocante à horticultura – muito mais gravemente que nos dois volumes anteriores descritivos – cometi um ou dois pecados mortais contra o trabalho de campo. Para o dizer com algumas palavras, parti do princípio do pitoresco e da acessibilidade. Cada vez que algo de importante estava por acontecer, tinha meu aparelho comigo. Se a imagem se apresentava bem no aparelho, tomava-a... Porém, da primeira cerimônia nos jardins somente uma vez fui testemunha e, por acaso, o tempo estava ruim e a luz deficiente também... Além disto, não tinha a máquina comigo!

(...)

Conseqüentemente, ao invés de estabelecer uma listagem das cerimônias que tinha a todo custo que ser documentada através de fotografias, coloquei a fotografia no mesmo nível que uma coleção de bugigangas como se fosse uma diversão acessória ao trabalho de campo. Sendo dado que a fotografia não era para mim uma diversão, visto que não tinha aptidões naturais nem me sentia atraído por esse tipo de coisas, acontece que, freqüentemente, deixei escapar boas oportunidades.

A antropologia visual não precisa de profetas de infelicidade, nem de turíbulos. Malinowski (1976, p. 35), aliás, está ainda lá para confortar, uns e outros, lembrando que “de vez em quando deixe(m) de lado máquina fotográfica, lápis e caderno, e participe(m) pessoalmente do que está acontecendo”.



Referências bibliográficas

- EDWARDS, Elizabeth (Org.). *Anthropology & photography 1860-1920*. New Haven e Londres: Yale University Press, 1992.
- GODARD, Jean-Luc. *Histoire(s) du cinéma*. 4 v. Paris: Gallimard, 1998.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *A Diary in the strict sense of the term*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1967.
- _____. *Journal d'ethnologue*. Paris: Seuil (Recherches anthropologiques), 1985.
- _____. *Argonauts of the Western Pacific – an account of native enterprise and adventure in the Archipelagoes of Melanesian New Guinea*: Robert Mond expedition to New Guinea, 1914-1918. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1922. (Trad. portuguesa: *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, Col. "Os Pensadores", v. XLIII, 1976, p. 35.)
- _____. *The sexual life of savages in North-Western Melanesia*. An ethnographic account of courtship, marriage and family life among the natives of the Trobriand Islands New Guinea. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1929. (Trad. portuguesa: *A vida sexual dos selvagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979).
- _____. *Coral gardens and their magic*. V. 1: *Soil-tilling and agricultural rites in the Trobriand Islands; V. 2: The language of magic and gardening*. Londres: George Allen & Unwin, 1935.
- _____. *Os nativos de Mailu*. S.l., 1915. Reed. In: YOUNG, Michael (Ed.). *Malinowski among the Magi. The Native of Mailu*. Londres/NovaYork: Routledge, 1988.
- MEAD, Margaret. Visual anthropology in a discipline of words. In: HOCKINGS, Paul (Ed.). *Principles of visual anthropology*. Den Haag, 1975, p. 3-10.
- SAMAIN, Etienne. "Ver" e "Dizer" na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, PPGAS da UFRGS, n. 2 (Antropologia Visual), 1995, p.19-48. (Republicado pela ANPOCS sob o título "Bronislaw Malinowski e a Fotografia Antropológica". *Pluralismo*. In: REIS, Elisa; ALMEIDA, Maria Erminia T. de; FRY, Peter. *Espaço social e pesquisa*. São Paulo: Hucitec-Anpocs, 1995, p. 291-325.)
- WRIGHT, Terence. The fieldwork photographs of Jenes and Malinowski and the beginnings of modern anthropology. *Journal of the Anthropological Society of Oxford*, v. 22, n. 1, 1991, p. 41-58.
- YOUNG, Michael. *Malinowski Kiriwina. Fieldwork photography 1915-1918*. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

(² continuação)

"Visual anthropology in a discipline of words" (Mead, 1975, p. 3-10), um artigo que retoma sua corajosa e profética intervenção no IXth International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences (I.C.A.E.S.), realizado em Chicago em 1973.

³ Nunca poderei esquecer a minha alegria ante a publicação, em 1992, de *Anthropology & Photography 1860-1920*, livro organizado por Elizabeth Edwards. Um trabalho magistral que deixou claro o fato de que a chamada "antropologia visual" não passava de uma "etiqueta" e que, para praticá-la, não precisava pensar dever reinventar a roda e, sim, saber como a roda foi descoberta.

(¹ continuação)

among the Magi. The Native of Mailu. É ao mesmo Michael Young (1989) que devemos o recente *Malinowski Kiriwina. Fieldwork Photography 1915-1918*, realizando um velho sonho do próprio Malinowski que pensava em publicar "suas fotografias em álbum com textos explicativos" (ver Malinowski, 1985, p. 218).

⁹ Retomo a seguir alguns elementos de meu artigo (muito mais completo) sobre a questão do uso da fotografia por Malinowski, publicado sob o título "Ver" e "dizer" na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia" (Samain, 1995a, p. 19-48). Ele foi republicado pela ANPOCS sob o título "Bronislaw Malinowski e a fotografia antropológica" (Samain, 1995b, p. 291-325). Assinalo, também, o trabalho de Terence Wright (1991, p. 41, 58), "The fieldwork photographs of Jenes and Malinowski and the beginnings of modern anthropology".